

Jornalismo feminista: uma análise da crítica de produtos midiáticos no “Questão de Gênero”¹

Brenda Gonçalves dos Reis²

Sheila da Costa Oliveira³

Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF.

RESUMO

O presente artigo é um debate à luz dos conceitos dos estudos culturais sobre gênero, identidade e feminismo, com o enfoque na representação que os produtos midiáticos concedem para as mulheres. Essa análise é feita a partir da sessão Questão de Gênero, do Portal Fórum, pela colunista Jarid Arraes e sua reflexão crítica das projeções audiovisuais observadas nesta pesquisa. Busca-se ainda a contextualização histórica do movimento feminista dentro do Brasil e os conceitos de gênero de Joan Scott e Judith Butler. Com a análise de conteúdo podemos então identificar os veículos de comunicação criticados na investigação e a contribuição do parecer feminista para a mídia hegemônica.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais; Feminismo; Gênero; Mídia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo examinar as representações que os produtos midiáticos concedem às mulheres. Historicamente, são conhecidos os termos pelos quais Stuart Hall (1992) descreveu o feminismo dentro do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CECC). O teórico afirmou que o movimento entrou como um ladrão na noite, interrompendo e fazendo barulho. Este encontro do feminismo com os Estudos Culturais indicou uma importante ruptura teórica que alteraria determinadas práticas acumuladas neste campo de investigação, reorganizando-o.

A comunicação pelo viés do pensamento feminista, principalmente quando há o encontro da mídia e a questão da mulher em si, fornece uma crítica com infinitas possibilidades de análise. Segundo Escosteguy (1998, p.8) “podemos examinar a representação das mulheres nos meios, os gêneros considerados femininos, as leituras

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr. na subárea temática IJ 1 – Jornalismo – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UCB-DF, email: brendaknutsen@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UCB-DF, email: sheila@ucb.br

femininas, a espectadora, sua constituição e suas práticas e a audiência.”. É nesta perspectiva que adotamos a análise de conteúdo nas postagens da sessão, Questão de Gênero, do Portal Fórum para investigação.

Busca-se ainda a contextualização histórica do movimento feminista dentro do Brasil e os conceitos de gênero de Joan Scott e Judith Butler. Conforme os estudos de Scott (1990) sobre gênero se trata de uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

Nessa união de Estudos Culturais e Feminismo, a cultura pode ser vista como um terreno de reivindicações para luta e contestação onde cidadãos formam tribos sociais e produzem significado. Procurar gerar suas subjetividades, porém estão em relações de poder distintas, "lutam" pela proeminência do seu sentido.

Legitimando os estudos de Gênero de Ecosteguy (2006) que nos remetem a ideia de que, de 1997 a 1999, fomos levados por um período onde comunicar era entendido como um processo recíproco, onde nosso receptor não é mais visto como uma audiência amorfa e sim um sujeito que dava significado ao produto midiático de acordo com sua bagagem cultural.

O Questão de Gênero em nossos resultados, se apresenta como jornalismo feminista que desconstrói as discriminações e estereótipos perpetuados na sociedade. Com a identificação das postagens que aqui serão aprofundadas fica a reflexão: é possível mudar o cenário midiático para a não propagação de um jornalismo que marginaliza?

1. O FEMINISMO NO BRASIL

O sufrágio feminino no Brasil ocorreu em 1933, porém foi concebido por mulheres escolarizadas de classe média, o feminismo branco. Ou seja, a mulher negra, indígena e periférica não teve espaço para este que foi um dos primeiros sintomas do feminismo brasileiro.

O movimento feminista brasileiro teve sua grande expressão no período da ditadura militar, principalmente nos anos 1970 (TELES, 1999). A luta contra o regime foi a maneira que as mulheres encontraram para somar as resistências da época. Neste período é iniciado um importante marco para o acúmulo e propagação dos ideais feministas: o lançamento de duas relevantes revistas voltadas para a questão feminina, Nós Mulheres e Brasil Mulher.

Mulheres exiladas retornam com a retomada da democracia no país, e trouxeram seu contato com as vivências feministas dos Estados Unidos e das que também estiveram na

Europa. A somatória destes elementos fez com que os anos 1980 fossem consolidados como uma excelente época para proliferação do movimento no país.

A construção da identidade e perspectiva feminista no Brasil da abertura política foram fundamentais para academia brasileira não "estranhar" a questão do gênero nas teorias do feminismo pelo próprio contexto cultural que o movimento acontece: época de grande diversidade artística e cultural.

A publicação de “Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir, criticando adominação do homem em níveis simbólicos e materiais, bem como o Ano Internacional da Mulher em 1975 fortaleceram as mulheres no Brasil. Os Estudos Feministas "desenvolvem-se" após as revoltas de 1968, tempo em que a mulher política se torna uma questão.

2. GÊNERO E SEXUALIDADE

Scott (1990) vai nos trazer uma importante discussão sobre gênero, já que foi a teórica que abalou o conceito de que o sexo seria natural em contraponto do gênero ser cultural, pois sendo influenciada por Michel Foucault, entende o gênero como um conhecimento sobre as diferenças sexuais. E pensando nessa dessemelhança a historiadora Norte-americana infere que o gênero é a compreensão sobre estas já mencionadas diferenças sexuais, estruturadas de forma hierarquizada com noções de poder e dualidade bem dispostas.

A sociedade utiliza há séculos a constituição de termos para determinar fixamente, e muitas vezes oprimir certos grupos no pretexto de uma organização feita de forma hierarquizada. Gênero então seria a maneira pela qual a sociedade se organiza na relação entre os sexos. Delimitando-nos, encontramos barreiras para possibilidades inexploradas que a sociedade pós-moderna apresenta, que define então uma distinção social.

Mesmo com todos os questionamentos feitos pelo movimento feminista e toda a quebra das questões de identidade, sempre pareceu muito natural o binário homem/mulher e o papel desempenhado socialmente. A ideia da feminista Shulamith Firestone resume o que hoje é apoiado por grande parte das feministas contemporâneas no que se refere ao gênero.

“A meta definitiva da revolução feminista deve ser igualmente – diversamente do primeiro movimento feminista – não simplesmente acabar com o privilégio masculino, mas com a própria distinção de

sexos: as diferenças genitais entre os seres humanos já não importariam culturalmente.” (FIRESTONE, 1970, p. 12)

Porém, existem condições de subjetividade em nosso meio que revelam a complexidade do pertencimento a estas categorias. A filósofa Judith Butler (2003) já fala em alinhamento sexo, gênero e desejo, onde se naturaliza toda demarcação “natural” de ser mulher e ter que respectivamente: gostar do sexo oposto e ser feminina, como se toda a representação que temos de nós dependesse de nossos aparelhos sexuais. Por isso temos impacto se vamos contra a linearidade do que já somos pré-determinados, pois não é levada em conta a subjetividade do sujeito nem mesmo as experiências singulares do gênero.

Butler (2003) vê a questão da naturalização do histórico e de verdades essenciais ligando gênero biológico e social são construções de estratégias do poder. O esforço da teoria da filósofa estadunidense foi o da desnaturalização como uma desmistificação do sexo e do gênero, que seriam em algum momento definidos como certo para a vida. A liberdade desses corpos não deve depender em nenhum âmbito dos discursos normativos que insistem em descrevê-los.

3. ANÁLISE E MÉTODO

Jarid Arraes é cordelista, escritora e jornalista na Revista Fórum. Possui a coluna Questão de Gênero na versão online da revista, o Portal Fórum. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, feminismo, sexualidade, raça e etnia e mídia. A escolha do Questão de Gênero no Portal Fórum foi feita pela diversidade dos assuntos tratados. O site conta com as seguintes seções: mulher negra, sexualidade, mídia, cultura, feminismo, aborto, beleza, política, racismo, gordofobia e transfobia.

A escolha das temáticas foi feita por meio de postagens que tivessem no mínimo menção a um produto midiático. Apenas um tema foi repetido, a cultura do estupro. Com a coleção de assuntos variados, é possível um fechamento de como a mídia hegemônica trata a questão da mulher em diferentes pontos de vista e qual o veículo de comunicação é mais questionado em frente as suas representações sociais.

Optou-se então pelo método da análise de conteúdo em jornalismo. Segundo Herscovitz (2007) a AC revela-se um método que é de grande achado na pesquisa jornalística, principalmente na observação de uma grande quantidade de informações, podendo inclusive ser utilizada para identificar tendências e modelos quando se examinem

quais são os critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. O conceito das categorias foram retirados do universo feminista do dicionário de gênero.

a) Objetificação e hipersexualização

O produto midiático citado brevemente é a *Globeleza*⁴, que corresponde à uma cobertura do carnaval brasileiro feita pela Rede Globo de Televisão. A transmissão do desfile no Estado do Rio de Janeiro é feita desde 1970 e de São Paulo foi iniciada em 1990. O nome também é dado à mulata que samba nas propagandas feitas pelo canal.¹ A considerada musa do carnaval dança com o corpo nu, inteiramente pintado nas cores da emissora.

De modo geral, é questionado o mínimo de representação das mulheres negras na televisão em papel de destaque e de não servidão. Quando aparecem possuem traços finos, são magras para se assemelhem à sociedade branca, de maneira que não há identificação das mulheres negras de verdade: que não entram no padrão da "mulata" que a mídia vende.

b) Racismo

Sexo e as Negas é uma série televisiva exibida nos meses de setembro a dezembro de 2014 pela Rede Globo⁵. O programa acompanhou a rotina de quatro amigas moradoras do subúrbio do Rio de Janeiro. Em 7 de outubro de 2014, no episódio *Narciso Negro*, é retratado o negro contra a negra e a solução da questão sendo encontrada através do sexo. Há uma grande problematização na forma da resolução deste problema, pois historicamente a mulher negra é sexualidade, este sendo seu único ou principal papel, perpetuando um grave estereótipo.

Em programações especializadas em manter uma supremacia branca, a série "*O Sexo e as Negas*" foi recebida e defendida por atores negros e político militante Jean Wyllys. A unanimidade, no entanto, não recaiu sobre o movimento feminista negro. De um título já pejorativo, o embasamento de roteiro da série foi defasado. Segundo a colunista,

⁴ **QUESTÃO DE GÊNERO.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2015/02/18/fim-do-carnaval-quantas-mulheres-negras-estao-na-tv/>>. Acesso em 19 de maio de 2015.

⁵ **QUESTÃO DE GÊNERO.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2014/11/18/ainda-precisamos-debater-sobre-sexo-e-as-negas/>>. Acesso em 19 de maio de 2015.

mesmo o racismo é tratado com o viés machista, a negra encenada na série pode e deve ser mais do que sua vida sexual sem ser reduzida a este âmbito.

c) Cultura do Estupro

A novela “Em Família” da Rede Globo⁶ televisionou no dia 10 de fevereiro de 2014 uma cena de estupro coletivo da personagem negra Neidinha, no qual engravida deste ato e decide por ter a criança e posteriormente deve lidar com sua filha que possuirá a vontade de conhecer o pai. A crítica por Jarid está no fato de Manoel Carlos não ter sido responsável por mostrar às mulheres que, por lei no Brasil, a mulher estuprada tem o direito de aborto garantido: Artigo 128 do código penal - Decreto Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940.

Mesmo que autor seja contrário à ideia do aborto o desserviço feito foi enorme, seja retratando a criança nascer em um lar equilibrado com estatísticas que provam o contrário. Outro fator negativo no episódio da novela foi o fato dessa mulher não poder ser empoderada para decidir o que fazer com seu corpo de um direito que possui. O estupro é banalizado, já que retratado tão cruelmente em horário nobre com classificação para 16 anos.

d) Homofobia

Amor à Vida foi uma telenovela da Globo de autoria de Walcyr Carrasco e exibida no período de 20/05/2013 a 31/01/2014 no horário de 21h, inovando ao introduzir um de seus personagens principais um vilão homossexual⁷. A TV Brasileira⁸, porém, insiste num estereótipo rejeitado pela maioria dos gays, em suas novelas. De gestos, o modo de falar e bordões chamativos, a representações dos homossexuais tendem ao cômico e ridicularizam. No fim da novela, a reconciliação do pai homofóbico e filho provocaram fortes reações diversas na audiência e bastante desaprovação pelos movimentos sociais ligados à homoafetividade.

⁶ **QUESTÃO DE GÊNERO.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questao degenero/2014/02/12/estupro-coletivo-na-novela-em-familia-e-o-desempoderamento-das-vitimas/>>. Acesso em 19 de maio de 2015.

⁷ **MEMÓRIAGLOBO.** Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-ficha-tecnica.htm>>. Acesso em 19 de maio de 2015.

⁸ **QUESTÃO DE GÊNERO.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questao degenero/2014/02/03/amor-a-vida-afeto-entre-homens-e-os-limites-da-masculinidade/>>. Acesso em 19 de maio de 2015.

Jarrid Arraes também abre um importante espaço para análise da questão de gênero que atinge o homem. O tipo da masculinidade que deve ser viril e rejeitar a orientação homossexual, pois o "ser homem" no senso comum não entram os pontos de demonstração de afeto, que são concebidos como coisas da essência feminina. Apesar da crítica, de modo geral o ato do beijo entre os personagens é visto como algo positivo, se tratando de ser televisionado no canal com maior audiência no país, fazendo que sua audiência consiga também desconstruir de alguma forma o seu próprio preconceito.

e) Representatividade

Animação americana da DreamWorks de 2015 com 94 minutos, *Home* (Cada Um na Sua Casa) conta a história de Tip, que encontra o alien Oh, da raça Boov, que pretende invadir a Terra e fazer dela o seu lar.⁹ A cerne da Representatividade é o maior ganho do longa segundo Jaris, pois representar com efetividade e qualidade um segmento ou o grupo ao qual se faz representar é um problema na grande mídia quando se trata de minorias.

A personagem quebra várias regras: uma adolescente negra com cabelo crespo na tela e inspira milhares de meninas a se reconhecerem na tela. Além de uma personalidade positiva, Tip é muito inteligente e corajosa, sendo retratada fora de moldes machistas e dos estereótipos da extrema delicadeza feminina. Na levada da análise¹⁰ já feita de filmes com o viés feminista, a questão racial se faz ainda mais alarmante para ter protagonismo, o que no caso, acontece da melhor maneira: desconstruindo machismo, racismo e a feminilidade exacerbada.

f) Sororidade

O diálogo de mulher para mulher ressaltado nesses filmes, onde uma salva outra nos remete ao termo "sororidade" que segundo o feminismo contemporâneo é a união entre as mulheres e o respeito intrínseco. O relacionamento romântico com o sexo oposto será secundário nessas histórias e há uma importância de não enxergar a outra como inimiga.

⁹ ADORO CINEMA. *Cada Um Na Sua Casa*. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-209174/>>. Acesso em 19 de maio de 2015.

¹⁰ **QUESTÃO DE GÊNERO.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questaoodegenero/2015/04/08/cada-um-na-sua-casa-representatividade-importa/>>. Acesso em 19 de maio de 2015.

Num mundo do "Era uma vez..." e "Viveram felizes para sempre" que levou milhares de meninas, além do processo histórico de dependência do masculino, a esperarem pelo príncipe e se encantarem com os padrões das perfeitas princesas da Disney. A crítica positiva¹¹ está nos três filmes lançados recentemente pela Companhia Walt Disney: Frozen, Malévola e Valente.

Valente (2012) fala sobre a jovem Merida, a garota de cabelos rebeldes que se revolta contra a vontade da mãe de ser rainha. Já Frozen (2013) conta a história de duas irmãs que encontram nelas mesmas o verdadeiro amor. E o mais recente, malévola (2014) desconstrói o arquétipo da bruxa malvada e invejosa.

g) Cultura do Estupro

O programa televisivo Agora é Tarde, pertencente à Rede Bandeirantes de Televisão, acontece sob o comando do jornalista e comediante Rafinha Bastos de terça à sexta no horário de meia-noite. Em 25 de fevereiro de 2015, em um quadro para receber celebridades, uma conversa informal com ator Alexandre Frota, foi relatado em detalhes o estupro de uma mãe de santo, gerando risadas na plateia e do apresentador do programa.

Na crítica deste produto midiático¹² a colunista reflete sobre o fato de que a violência contra as mulheres é naturalizada. É colocada abaixo de outras violências, pois as mulheres são consideradas "seres de segunda categoria, objetificáveis e exploráveis". Esse tipo de comportamento na TV apenas está fortalecendo o opressor e mostrando por meio da aceitação do público presente como a sociedade brasileira é machista e misógina.

h) Violência Doméstica

O Big Brother Brasil, mais popularmente chamado pela sigla BBB, é a versão brasileira do reality show Big Brother, criada por John de Mol. Sua transmissão é feita pela Rede Globo e foi realizada pela primeira vez em 29 de setembro de 2002, são mais de 15 temporadas e 13 anos no ar¹³.

¹¹ **QUESTÃO DE GÊNERO.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questao Degenero/2014/06/03/malevola-frozen-e-valente-o-amor-entre-mulheres-comeca-despontar/>>. Acesso em 19 de maio de 2015.

¹² **QUESTÃO DE GÊNERO.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questao Degenero/2015/03/04/a-omissao-fortalece-o-agressor/>>. Acesso em 19 de maio de 2015.

¹³ GLOBO. **BBB Sobre a casa.** Disponível em: <<http://bbb.globo.com/sobre/a-casa.html>>. Acesso em 11 de Junho de 2015.

O participante Douglas relatou duas ocasiões em que esmurrou uma mulher, e uma delas, a deixou desacordada após repetidos murros. O programa, segundo a colunista do *Questão de Gênero*¹⁴, promove o machismo, homofobia, racismo e outros tipos de discriminação. Após as declarações, sua eliminação veio logo em seguida, e Douglas se declarou, então, feminista.

Jarid salienta a proeminência que o feminismo ganhou em matérias de revistas e grande mídia. Por falta de conhecimento, homens se intitulam feministas, porém não refletem a respeito do comportamento machista que reproduzem, pois estes devem confrontar em seus círculos essas reproduções, além de desconstruir a masculinidade.

i) Gordofobia

Dos estereótipos hollywoodianos¹⁵, um que todos já estamos mais que familiarizados, é da negra gorda que é engraçada. Visto em filmes como "Norbit" (2007) e "Vovó... Zona" (2000) esta representação também ganhou filmes dramáticos em "Preciosa" (2010). Jarid nos remete até mesmo ao brasileiro "O Sítio do Pica-Pau Amarelo" com papéis reduzidos a empregada, cozinheira ou serva. Há uma distância gritante de como esta mulher é e de como ela é representada segundo a colunista. A crítica se encontra nos filmes dos anos 2000, nos gêneros de comédia e drama.

j) Beleza

O Miss Beleza Internacional é um concurso a nível mundial realizado desde 1960 criado por americanos na Califórnia (EUA)¹⁶. A competição compele "as qualidades naturais" como ternura, sensibilidade, beleza e benevolência. Estes estigmas da essência feminina perpetuadas na sociedade são justamente o que o embate gênero/feminismo procura desconstruir. A TV Band transmite o show.

De uma maneira de reforçar o padrão da feminilidade, o festival elege a mulher mais bonita do mundo dentro de padrões específicos e longe da realidade da maioria da

¹⁴ **QUESTÃO DE GÊNERO.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2015/02/04/bate-em-mulher-depois-diz-que-e-feminista/>>. Acesso em 19 de maio de 2015.

¹⁵ **QUESTÃO DE GÊNERO.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2014/03/28/uma-breve-reflexao-sobre-mulheres-negras-gordas-e-seus/>>. Acesso em 19 de maio de 2015.

¹⁶ **QUESTÃO DE GÊNERO.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2015/01/27/miss-coisa-nenhuma/>>. Acesso em 19 de maio.

população feminina. Com este modelo estampado em todos os âmbitos midiáticos, torna-se difícil para as mulheres aceitarem suas curvas, cabelos e cor. Segundo Jarid, as interrogações devem surgir para que o processo de libertação quanto aos padrões de beleza e corpo sejam alcançados.

4. RESULTADOS OBTIDOS

Das 10 postagens analisadas, com repetição de apenas um tema (Cultura do Estupro) obtivemos: 7 produtos midiáticos criticados, sendo eles cobertura jornalística do carnaval, série televisiva, telenovela, cinema, animação, talk show e reality show. 14 análises de conteúdo foram feitas: Globeleza (carnaval), O Sexo e as Negas, Em Família, Amor à Vida, Cada Um Na Sua Casa, Valente, Malévola, Frozen, Agora é Tarde, Big Brother Brasil edição 15, Miss Beleza Internacional, Norbit, Vovó... Zona e Preciosa.

Os grupos de comunicação mais criticados foram a Rede Globo (5), Rede Bandeirantes (2), Disney (3) sendo duas animações e um filme, DreamWorks (1) e Cinema geral, diferentes estúdios nesta contagem (3).

Globo conta a maior variedade de crítica dos temas por Jarid Arraes, além de repetir por duas vezes o produto midiático Telenovela. Possui a Cultura do Estupro, Hipersexualização, Violência Doméstica, Racismo e Homofobia. DreamWorks, representatividade. Disney, sororidade. Band segue com Cultura do Estupro e Beleza e, por fim, a Gordofobia, com três estúdios diferentes de cinema.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo surgiu do interesse em observar como o jornalismo feminista, com seu olhar treinado e crítico, fazia o julgamento dos produtos midiáticos gerados por grandes veículos. O Questão de Gênero é uma demonstração da reflexão e debate da mulher brasileira. Por meio dos resultados obtidos, é possível observar como o profissional de comunicação enxerga a questão de gênero e a reproduz, como também o site já citado procura desconstruir e apontar as discriminações e estereótipos perpetuados.

Ainda transitamos e estamos com frequência moldando nossa identidade. Com esta permissão, este projeto procurou refletir sobre gênero e feminismo, entre outros temas que cabem à mulher política. E para uma sociedade onde a binário homem/mulher dê espaço para outras identidades, é preciso que haja sempre discussões, reflexões e espaços para

questionamentos das estruturas de representações da pós-modernidade que não conseguem alcançar mais seus indivíduos.

Não cabe fazer uma divisão binária entre o que se disse e o que se cala, haveria de tentar determinar as diferentes maneiras de calar, como se distribuem os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discricção é requerida para uns e outros. (FOUCAULT, 2006, p. 28)

Os temas aqui analisados podem ser vistos como espelhos da realidade atual de nossa sociedade e com a identificação por meio das postagens dos diversos preconceitos aqui já prescritos fica a nossa reflexão de que desta maneira é possível mudar o cenário midiático para a não propagação de um jornalismo reprodutor de estereótipos. Legítimo então a contribuição do olhar feminista ao se voltar para os maiores grupos de comunicação e criticá-lo.

6. REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os estudos de gêneros na pesquisa em comunicação no Brasil**. vol. 4 nº 2. Rio Grande do Sul: contemporanea, 2006.

FOUCAULT, Michael. **História de Sexualidade I: A vontade de saber**. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001. 152 p. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque.

FIRESTONE, Shulamith. **The Dialectic of Sex**. New York: Bantam Books, 1970.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HERSCOVITZ, H. G. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, C. e BENETTI, M. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

NASSIF, Bárbara; VANUZZI, Cristina; PIRES, Mariana; REIS, Pedro Henrique. **A temática das relações de gênero nos estudos de comunicação**. In: ESCOSTEGUY (org.), Cultura Midiática e tecnologias do imaginário: metodologias e pesquisas. EDIPUCRS, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação & Realidade, n.20, 1995, p. 20-45.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1999;